

Paulo Osorio

Aguilhadadas

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 10 — Maio de 1904

*Ø "Livro Prohibido,, e a vida de
Lisboa. Fialho d' Almeida.
Os quadros de Antonio Carneiro.
Ø monumento a Pinheiro Chagas.
Ø caso do Pimenta.*

PORTO * * * * *

ADMINISTRAÇÃO : AVENIDA DE CARREIROS, 250 * * *

TYP. A VAPOR DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA *

EDITOR — ALBERTO FERREIRA DAS NEVES * * * *

Camisaria da Moda

64, Rua de Santo Antonio, 66 - PORTO

COMPLETO SORTIDO DE ROUPA BRANCA

PARA HOMEM E SENHORA.

DIVERSOS ARTIGOS DE NOVIDADE PARA HOMEM.

ESPECIALIDADE EM GRAVATARIA.

Enxovaes para casamento.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

BAZAR MATTOS

234, RUA DE SANTO ANTONIO, 236 — PORTO

ESCRITORIO E DEPOSITO

Santa Catharina, 74

Manuel Vieira de Mattos

Bonecas e brinquedos de novidade

Carros e tricicles para crianças

Artigos para brindes e perfumarias

Oculos, Lunetas e Binoculos.

Phonographos e Cylindros Edison

MACHINA D'ESCREVER "EMPIRE,"

7 Medalhas d'oiro!

27:000 Machinas vendidas!

A MACHINA PREFERIDA EM INGLATERRA

ESCRIPTA VISIVEL

Esta machina, que se maneja com extrema facilidade, é entre as suas concorrentes a que melhores condições offerece de simplicidade, duração e solidez.

Garantia de 13 a 14 annos de uso quotidiano.

Unico agente em Portugal:

A. VIEIRA DA CRUZ

RUA DE SANTO ANTONIO, 256 — PORTO

VENDAS A PRESTAÇÕES

PEÇAM O CATALOGO

PAULO OSORIO

AGUILHADAS

N.º 10 — MAIO DE 1904

Summario

O *Livro Prohibido* e as furias jornalisticas correlativas. Lisboa nova, as suas mulheres, os seus homens e a moral de tudo aquillo. A capital, centro productivo de devaneios illicitos de amor. A indigencia mental do snr. Penteado e o snobismo inoffensivo do snr. Abundio. Fialho. Quem é este homem e o que elle vale. A obra artistica de Fialho, a sua critica e o seu estylo. — A exposição de quadros de Antonio Carneiro. — O monumento a Pinheiro Chagas e disparates adjuntos á iniciativa que o promove. A Avenida da Liberdade e os projectos de plumitivos que não têm que fazer. O busto de Antonio Ennes e a pouca vergonha das entidades superintendentes. Falla-se mais uma vez d'uma homenagem a Camillo. — Um Alfvredo Pigmenta que por signal é tolo. Considerações tendentes á comprovação d'um caso clinico. Bons conselhos.

A razão porque o *Livro Prohibido* de Fialho d'Almeida, Henrique de Vasconcellos e Manuel Penteado concitou contra si todas as furias mais ou menos cobardes e mais ou menos grotescas de que é capaz uma impressasiinha feita branil de todo o pobre diabo pretendente ou enjeitado do labor em cargos publicos, não resulta decerto do desconsolo de quem desejava encontrar n'aquellas paginas as maravilhas d'arte que o nome do primeiro auctor lhes promettia, nem da magua de ver perdido n'umas chronicas ligeiras, com a pretensão ás vezes fallha de ter graça, o esforço que seria util na appetecida confeição d'uma obra grande.

E' antes o caso d'uma garrida senhora que de sua ventana á multidão attonita mostrasse a mais soberba opulencia dos dotes naturaes e dos adornos ricos, sedas finas sem par e joias d'alto preço, e no meio do seu gambito de tentadora descobris-

se que, de dentro de casa aonde pé ante pé se introduzira, uma creatura ironica fitava em seu corpo escondido trás da ventana, n'uns sapatos de liga uns calcanhares ao léo. Lisboa é n'este a boa da senhora garrida e perturbante.

Com aquelle poder assimilador que é o segredo da superioridade apparente das raças como a nossa, quizemos ter tambem, por baixo d'esse ceu azul que por mercê de Deus não copiamos, a nossa cidadezinha em termos, com o ultimo grito da moda em cada montra e a vida agitada, devassa, audaz, dos grandes centros. E veio então, surgindo da antiga capital cansada do renome das suas sete collinas e da belleza gabada do seu Tejo, uma Lisboa nova, com a sua Avenida, os seus theatros de celebridades, os seus bairros novos, as suas lojas de luxo, a graça das suas mulheres pintadas e o picante rol dos seus escandalos. E, ou seja porque o meio em si é breve e, a par do ruido libertino que tudo enche, coexista a consequente inevidencia da virtude ou seja porque realmente essa virtude tenha soffrido em pouco tempo aggressões e irreverencias, o caso é que a Lisboa observada nos sitios da moda que a gente ociosa frequenta, tem o ar alcoceifado de cidade incasta, sensualona e frivola, em que o amor, n'uma simplicidade animal de cio extreme, é, para muita gente, a unica razão de ser da vida inteira.

Se não, percorram os meus amigos o Chiado á hora em que toda a Lisboa de saias anda na

rua, elegante e perturbante, para o ramerrão das suas compras tão sómente ou para a frequencia duvidosa dos terceiros andares ignorados ou das alcovinhas de ateliers com duas portas, vão á Avenida, ao Campo Grande, ao Colyseu ou a S. Carlos, e digam-me depois se lhes não foi difficil descobrir entre a multidão que acotovellaram por alli um olhar de mulher que não fôsse um laço colleando com uma coquetteria de longo estudo, grimpante, n'um proposito apparente ou real de desatremo, o sensualismo enervado do macho que as encara. E se correlativamente é dado olhar senhor que estaque a vê-las que não descubra ao primeiro toque essa especie de priapismo moral, que já não é de um individuo mas d'uma cidade inteira e, sem esguardar coisa alguma, principios ou pessoas, derruba a alçaprema das conveniencias, atirando a terra, por banda das relações de ambos os sexos, uma organização social que deu em droga.

Só ás vezes, na creatura bellamente vestida que para ao dobrar d'uma esquina á espera do bilhete suspeito inevitavel, ha uma sombra leve d'amargura que faz por instantes pensar n'um sacrificio, e então a gente sonha com o pobre burocrata de cinco tostões, enchendo somnolento o seu tojal d'officios emquanto a mulhersinha tropeça na diabolica tentação dos trajos ricos e dentro dos bibes rôtos, no desamparo d'um lar de terra grande, ha creanças sem terem que comer.

E ao fim de tudo, por essa ou outra razão immediata que não importa, o mesmo vicio alastrando, vencendo velhos habitos de pacatez inveterada, e fazendo da Lisboa nova o centro productivo de devaneios illicitos de amor, tão legitimo como Guimarães o é de cutelaria e a cidade primaz de coisas santas,

Causas remotas ha-as decerto: mais que o exemplo, que comtudo vale referencia, o fito obsecante do negocio casamento que irrompe com denodo quando se despem á donzella os ultimos vestidos curtos e a atiram a troixe-moixe, n'uma inanidade de espirito deploravel, para a devassidão d'esses flirts de que Fialho — n'estes casos com todos os desatinos do theorico inexperiente — procura descobrir nos figurinos modernos das saias e no bigode erguido dos homens signaes reveladores.

Ora tirar d'uma sociedade de tal geito uma chronica como essa com que abre o *Livro Prohibido*, por mais interessante que ella resulte do brilho d'um soberbo estylo e da graça mais ou menos feliz d'algumas paginas, não deixa de fazer pena de que o assunto não fôsse aproveitado em obra de mais largo vôo e um poder gravativo mais alto, qual um romance onde, a par do critico, se pudesse ainda grandemente admirar o artista.

Mesmo porque um homem como Fialho deveria sempre apresentar-se só e este conluio com dois cavalheiros de menos conta, logo ao primeiro aspecto desagrada.

Diga-se porém de passagem que, se a revista do sr. Penteado é um documento de indigencia mental deploravel, a prosa do sr. Vasconcellos, disfarçado em Abundio Gomes, muito embora o seu pretenciosismo de snobsinho inoffensivo, consegue lêr-se com mais interesse que as producções que o mesmo snr. de vez em quando no jornalismo diario partureja. Seria esse o livro ideal do «recebemos e agradecemos» imbecilissimo das folhas se o não soccorresse a intervenção brilhante de Fialho.

Fialho...

Aqui têm os senhores um nome de artista de encontro ao qual toda a dicacidade critica esbarra e se encolhe contorcida com o pavor cobarde do cachorro sob o chicote do senhor. E de tal geito, que a sua personalidade litteraria resta ainda um todonada obscura entre o fetichismo d'um pequeno numero que o adora e o azedume da grande maioria que o detesta, sem que se tenha cuidado de estabelecer n'um criterio equilibrado e sereno o que elle vale.

Fialho tem uma auto-biographia publicada ha annos n'uma revista e recentemente reimpressa nas paginas isagogicas d'um livro, e de tal modo ella é completa, sincera e elucidante que a quem pretenda analysar o seu papel de homem de letras basta seguir passo a passo esse trabalho, appli-

cando-lhe tão sómente a interpretação critica precisa.

Fialho d'Almeida nasceu em Villa de Frades, d'uma familia humilde em que existia a tradição honesta do trabalho. É pena que aqui nos falhem os elementos necessarios á filiação d'essa nevrose que o tem trazido sempre aos repellões de vida errante, com periodos de renuncia, revoadas de genio que o illustram e desvios sensuaes que ora lhe perturbam na retina a visão d'arte, ora o desviam na sua missão critica, como n'este *Livro Prohibido* quando topa em argumento de superioridade de amor eleito a preversão de Oscar Wilde. Mas temos, a fóra d'isso, no decorrer d'uma vida accidentada a justificação de toda a sua obra com as qualidades eminentes que a elevam e essa mesma irregularidade que, segundo a opinião de muitos, a condemna.

Fialho passou sete annos da sua mocidade n'uma botica infecta, e d'ahi, como elle proprio nota, lhe veio o contacto com o povo, e n'esses sete annos andou lendo todos os logares communs dos escriptotes nacionaes de 1830 para cá; depois concluiu o curso de medicina e entrou abertamente na carreira das letras. Elle mesmo attribue o sentimento intenso da paysagem, notavel na sua obra, á sua origem de aldeão contemplativo, a predilecção por assuntos humildes á sua prolongada convivencia com gente pobre e todo esse movimento de revolta que da penna lhe espirra

violento, á sua indole singela reagindo contra «os despotismos d'uma sociedade que durante annos a trouxe enrodilhada nos pés continuamente». Elle mesmo justifica tambem o character fragmentario da sua obra pela necessidade de escrever com as exigencias do ganha-pão quotidiano que não espera o longo tempo de esforço e concentração que uma grande obra reclama.

Mas a verdade é que Fialho nunca teve essa disciplina forte de trabalho que se menciona em toda a biographia de mais ou menos genial feitor de calhamaços. E a isso devemos talvez toda a vida que lateja em cada sua pagina d'arte e tudo que ha de vibrante, expontaneo e convincente na sua obra de critico. Que faz que *Os Pobres* tenham apenas meia duzia de paginas se alli dentro existe o trabalho de espirito, a emoção e a grandeza d'um livro inteiro? Que faz que os *Ceifeiros* se leiam em dez minutos se nunca a prosa teve poder de expressão tão alto, se nunca em portuguez se conseguiu levar o descriptivo a tal altura? E por acaso *Os Gatos* não valem bem um consideravel volume, judiciosamente ponderado, sobre a situação politica, moral e financeira da terra em que vivemos?

Simplesmente essa phase apicilar da obra de Fialho, que nos deu toda a serie dos seus pamphletos e algumas paginas magistraes da *Cidade do Vicio* e do *Paiz das Uvas*, parece que passou e que hoje nada mais ha a esperar d'essa organi-

sação a mais ricamente dotada de todos os nossos homens da penna, que ligeiras notas criticas ou picturaes que valham unicamente pelo encanto da sua prosa. E como quer que na obra grande do artista nem toda a gente soubesse ver as bellas coisas que a sua prosa coloria e assim só para esta fôsse incidindo o encomio ou a censura, Fialho para a maioria continua a ser o mesmo sempre, admirado ou condemnado segundo se gosta ou não do seu estylo.

Ora esse estylo tem, é certo, corrido os tramites d'uma evolução interessantissima. E' curioso investigar a razão intima que levou o mais insigne galliciparla das nossas letras a arvorar-se ultimamente em paladino do mais rigoroso e salutar vernaculismo. E o caso é que a sua auto-biographia ainda n'este caso vem em nosso auxilio. Com effeito, segundo elle o confessa, começou a escrever tendo lido apenas os escriptores nacionaes de 1830 para cá, precisamente o periodo em que um temperamento de colorista que precisa juntar um opulento vocabulario esbarra com uma linguagem consagrada, girando com meia duzia de termos consagrados tambem, formulas feitas, sem a revivificação dos elementos abundantissimos d'uma lingua completa, perfeita e malleavel como a nossa. Antes de corromperem essa lingua com a intervenção de termos d'outras, colhidos sob o pretexto d'uma exigencia de expressão de novas coisas, obliterando a lição antiga, — empo-

breceram-na. Leram muito o que escreviam os lá de fóra e esqueceram-se de reler o que era nosso. E isso aconteceu exactamente de 1830 para cá, pondo de parte, como excepção notabillissima, a obra de Camillo.

Fialho d'Almeida ignorava assim o que se tinha escripto n'essa nossa litteratura dos seculos XV e XVI, tão sobria e tão grande, ignorava a riqueza de côr e as louçanias de forma que andam esparsas por todas as producções dos estylistas do seculo XVII, Fialho d'Almeida não sabia portugês. Cheio de talento, sedento de côr, não tendo para dar forma ao seu poder de expressão artistica soberbo mais que os elementos que lhe dava aquella miserrima leitura, elle creou então uma linguagem só para si, aproveitando o francês que conhecia, aproveitando os termos medicos que os compendios d'aula lhe ensinavam, recorrendo por vezes á onomatopeia e por vezes ao puro arbitrio, e formando á custa de todo esse bricabraquismo philologico tudo o que no seu estylo d'esse tempo nos prende e nos deslumbra. Nunca em Portugal se escreveu mais brilhantemente — o que não quer dizer que se não tenha escripto já melhor.

Passou porém o periodo da mocidade e o artista da *Madona*, arredando-se um pouco da adoração dos guedelhudos do Suisso e do Martinho, pôde encarar a frio o seu trabalho antigo e reconheceu o ephemero destino d'uma obra que

por seu mal não soubera escrever na sua lingua, e leu classicos, e refundiu a sua prosa sem por milagre lhe tirar o encanto, e prérgou aos novos os principios que o trazem agora aperreado no burel de penitente. Mas era tarde: a grande obra d'arte possivel outr'ora não o é já hoje, estiroladas as faculdades creadoras n'um meio que tudo corrompe e tudo estraga. Escrevendo os seus artigos criticos, narrando as suas impressões de viagem, Fialho será ainda o estylista magistral, conhecedor agora dos refolhos da sua lingua, desembaraçando-a de diosas formulas, fazendo-a mais ductil, mais sonora, mais moça, sem por isso torná-la menos pura — mas já não conseguirá ser o grande artista d'algumas inolvidaveis paginas da sua obra antiga.

O pintor Antonio Carneiro, que expõe actualmente os seus quadros no atrio da Misericordia do Porto, é um artista de talento e de vontade, cujo trabalho aturado, honesto, e intelligente lhe garantiria n'outra terra um futuro certo de triumpho. Para Antonio Carneiro a hesitação de processos com que voltara do seu apprendizado no estrangeiro deixou de existir já, e o que n'esta exposição nos apparece é bem a

aura d'uma obra cheia de interesse, pessoalissima, em que ha o enthusiasmo da mocidade e a firmeza de technica e o vigoroso poder de expressão dos velhos mestres.

De ha muito já que a pintura da paisagem entre nós ficou deploravelmente estacionaria depois do violento retrocesso que succedeu á morte do Pousão e Silva Porto e não é porisso sem um certo interesse, ia a dizer quasi uma esperança, que se vêem as pequenas telas do genero que Antonio Carneiro nos apresenta, promessas que o seu futuro decerto não desmente. Ha n'ellas uma precisão de côr que não illude e, ainda mais, uma escolha de assuntos tão reveladora que nos faz pensar nas lindas coisas que o auctor será capaz de fazer em tal caminho quando por elle quizer seguir com mais largueza. As manchas de Paris, colhidas n'uma viagem recente, todas se vêem com agrado e, d'entre as nossas, se a *Pedra da Moura* é infeliz e das de Vianna só a vista do porto e o aspecto da tarde realmente nos prendem, outras como as dos *Arrabaldes do Porto*, *Rio Douro*, *Caminho em Godim*, *Effeito de Mar* e, sobre todas, a magnifica impressão de Leça, ostentam plenamente as notaveis qualidades indicadas no nome illustre que as firma.

Mas, primeiro que tudo, Antonio Carneiro é e será sempre um pintor de figura, capaz de honrar um paiz a que pertence a arte superior de Columbano. N'esse genero os quadros expostos, todos

elles, longe de terem a promessa de grandeza, que já seria muito, ostentam a confirmação triumphante d'um temperamento excepcional de artista.

É precisamente n'esta altura que cumpre dizer que o facto de excellentemente se pintar figuras isoladas não nos garante de nenhum modo a perfeita execução d'uma grande tela em que essas figuras formem grupo e constituam, enquadradas no seu scenario proprio, a representação mais ou menos fiel d'um episodio, tal como o soube encarar a comprehensão do artista. E tanto assim não é que no grande quadro *A Ceia*, agora exposto, se sente a falta de qualquer coisa a que talvez se possa chamar a unidade, falta que a Antonio Carneiro em trabalhos similares constantemente prejudica. Porque é innegavel que ha alli figuras admiravelmente tratadas — o que valorisa os muitos esboços reveladores de consciencioso trabalho que o artista expõe tambem — mas não é menos certo que n'essa ceia de Christo a figura que menos se fixa na retina do que encara a tela em seu conjuncto é... a do proprio Christo. Não é só a attenção que se dispersa, é a attenção que se distrae. Porque entre figuras, algumas das quaes soberbas pela vida, pela expressão, pela attitude, a de Jesus apaga-se, um pouquinho banal, com o convencionalismo das suas vestes brancas, uma symetria de compasso e uns certos olhinhos biblicos que infelizmente dizem pouco.

Ao pintar este quadro, Antonio Carneiro não

procurou reproduzir um episodio da historia santa, tal como os documentos da epoca no-lo revelam; se o quizesse, não deixaria de lá pôr as triclinias dos orientaes d'aquelle tempo, nem pouparia a decoração do recinto, nem esqueceria o versiculo biblico *Erat ergo recumbens unus ex discipulos ejus in sina Iesus, quem diligebat Iesus.* (Cap. XIII do Evangelho de S. João.)

Mas não. O artista apprehendeu do assunto aquillo que do seu lado moral pode interessar um fino espirito, e foi esse aspecto tão sómente que nos quiz dar na sua tela. E eis porque a simplicidade alli é tudo: uns homens ordeiramente sentados á volta d'uma mesa, tranquillamente escutando palavras de paz, e a scena toda, para que incida sobria e exclusiva sobre a attenção de quem na vê, feita sem adorno, sem scenario, n'um fundo unicolorado de oiro velho. A essa simplicidade tocante que é o seu maior encanto e por si só dilucida a intenção do artista, a tela junta ainda uma technica soberba tanto na firmeza do desenho como na precisão da côr das figuras e da propria luz da mesa, que é perfeita. E ahi está porque esse quadro, que já assim é superiormente bello, com um pouco mais seria uma obra-prima.

Certa revista de Lisboa tomou sobre si o encargo de promover uma subscrição destinada a erigir um monumento a Pí-nheiro Chagas na Avenida da Liberdade. Aventa-se a tal respeito, n'uma especie de circular que corre impressa, que aquelle lindo passeio de Lisboa poderá vir a ser, com o tempo, o local da commemoração pelo bronze e pelo marmore, de todas as nossas glorias das letras e das artes. Que para alli deveria ter ido já o Eça, mettido mail-a tal verdade na modestia pelintra d'um larguinho, e que para alli deverão ir tambem, em futuro mais ou menos longo, Garrett, Camillo, Antero, Latino Coelho e Silva Porto. Um projecto que ha-de gorar, á semelhança de tantos outros que se desfazem ao primeiro attrito como bolas de sabão. E, n'este caso, não será de todo mau que assim succeda.

A Avenida da Liberdade é muito grande e não tardará ainda a prolongar-se, de modo que, sem grande esforço, os innumerados pretendentes a genios em que Portugal, graças ao Senhor, sempre foi prodigo, hão-de caber; e de tal geito é bem de molde a causar sérios receios a futura significação da homenagem que se projecta. Das entidades officiaes que consentem a vergonha do busto

de Antonio Ennes no atrio de D. Maria ao pé do de Garrett, tudo legitimamente é licito esperar e os mesmos prognosticos da multipla consagração que n'este momento pela phantasia d'uns jornalistas imaginosos se planêa, tem o mau sestro de nos deixar desde já desilludidos.

Pensar n'uma estatua a Pinheiro Chagas, escriptor amavel, estadista infeliz, boa pessoa, invocar para futuro ensejo o nome de Latino e quem sabe mesmo se ainda o de Castilho, sem ter primeiro antes de todos e acima de tudo, cuidado da homenagem devida á memoria de Camillo, é uma d'estas disparatadas coisas que confinam indecisas entre a estupidez e a maldade.

O precedente do monumento a Eça, ha pouco inaugurado vergonhosamente por entre a deploravel exhibição d'um côro de sandices, n'este caso não colhe, porquanto alli a homenagem era feita muito particularmente a expensas d'um grupo de amigos com dinheiro, influencia e vontade de talento. Agora o caso é outro: faz-se uma subscrição publica para erigir um monumento a um homem que foi distincto em muita coisa sem comtudo ser grande em coisa alguma e promette-se, n'um arsinho vago de incerteza, que mais tarde a graça posthuma se estenderá a muitos outros, entre os quaes Camillo Castello Branco, o primeiro escriptor portuguez do nosso tempo.

E porque se não começa então por esse? porquê?

Talvez porque ainda as enormes orelhas d'alguns nossos homens grandes fervam dos puxões que elle lhes dava, quando brincava, rindo, com a vaidadesinha lorpa do estadista de entrudo ou do litterato grotesco de comedia; e talvez — quem sabe? — por um resto de pudor... a vergonha de collocar a figura d'um homem do tamanho d'elle lado a lado d'uma fila sem fim de subalternos.

ALFVREDO PIGMENTA. Era assim que escrevia o nome o desditoso de quem o mês passado eu contei aos senhores a historia morbida, ao tempo aproximadamente em que um benemerito das letras nacionaes parente d'elle lhe castigou publicamente, em pleno Tournal, de Guimarães, a primeira aventura dos seus alexandrinos.

Tão curioso symptoma no ephebo lampinho cuja doença mereceu a minha attenção e o meu estudo, seria razão bastante para este additamento ao caso clinico já descripto, mesmo que o pobre moço não tivesse vindo aproveitar-se da condescendencia sempre innocente das folhas para repontar em termos desabridos contra o relato imparcial, sereno e ponderado que de seu triste mal aqui se fez.

O imbecil é por via de regra um ser retrogrado na especie e, no caso de Pimenta ou Pigmenta, as tendencias que chamei asininas são coisa de mór alcance para a fixação d'um diagnostico que se pretenda ou documentação comprovativa d'uma classificação nosographica já feita. Não que eu possa, attendendo ás leis do transformismo, capitular de justamente equidea, por via do retrocesso, a conformação cerebral do infeliz auctor do *Eu*; mas pois que aos meus conhecimentos zoologicos fallecem as indicações dilucidantes das especies em que foi vulgar o coice.

As arremettidas do lastimoso bardo, sem admirar quem saiba quanto vulgares são os impulsos violentos nas victimas da defeituosa conformação que o estraga, são documento d'uma inconsciencia tal que nunca como hoje me senti envaidecido por ter acertado logo á primeira n'um diagnostico que vinha de molde a causar certo embaraço.

Inadvertidamente alguem dirá que em Alfredo ou Alfvredo devia existir a gratidão para quem com a maior isenção e desinteresse se prestou a fazer bem. Decerto esses esquecem que se trata aqui d'um caso averiguadissimo de imbecilidade e que doentes d'esses são, é claro, impossibilitados de conhecerem o mal congenito que desde o berço lhes traça o caminho do manicomio. Alfredo Pimenta está constitucionalmente impedido de comprehender o interesse que o seu

caso morbido me inspira; e isso mesmo, parece-me, deve nobilitar um procedimento de que só terei recompensa na consciencia.

Mas pessoas caridosas — ainda as ha, louvado Deus! — dirigiram-se-me consternadas e perguntando se o desgraçado se poderá curar um dia. Uma d'ellas, boa senhora compassiva e simples, dizia-me, contando:

— Eu, quando o meu Antonio, que anda no lyceu, me começou a lêr as taes cantigas, disse logo «lá o que elle tem não sei, mas que o dianho do homem não é escorreito, isso não é.»

A essas boas pessoas, cujo interesse me captiva pelo que revela de bondade nas suas almas, eu direi o seguinte:

A imbecilidade, tal como ella n'este caso se nos apresenta, não offerece condições algumas de curabilidade. Comtudo eu insisto no já citado tratamento medico-pedagogico que Bourneville preconisa e com o qual, segundo a sua afirmação, tem conseguido a cura em casos de idiotia profunda, combatida a valer desde a primeira infancia. O caso do Pimenta é menos grave: trata-se da imbecilidade tão sómente e se houvesse uma lei que permittisse o sequestro e o tratamento obrigatorio de creaturas como elle, possivel é que, não se dando a cura, se conseguissem rapidas melhoras.

Ainda no XIII Congresso de medicos alienistas e neurologistas de França e dos paizes da lingua francêsa, realizado recentemente em Bruxellas, o citado medico parisiense expoz um caso animador. Trata-se d'uma creança que aos cinco annos começou o tratamento, fallando a custo, não sabendo vestir-se, nem lavar-se, nem comer só, não possuindo nenhuma noção classica. Um anno depois, já se vestia só, embora se não soubesse ainda abotoar, depois começou a juntar algumas palavras, a distinguir as côres, a conhecer os algarismos e as letras, e assim foi indo, em successivo progresso, até que, á data das ultimas noticias, com quinze annos, está aprendiz d'alfaiate, faz ditados, conjuga verbos, tem um pouco de redacção, resolve problemas faceis e, além d'isso, possui algumas noções de historia, de geographia, de systema metrico e de desenho.

Ora se é assim possível transformar um idiota profundo n'um homem util, n'um homem alfaiate ainda para mais, provavel será que, muito embora os inconvenientes d'uma therapeutica tardia, do vate Pimenta se possa fazer, não um grande homem por certo, mas pessoa em termos de nos deitar uns tacões ou talhar um sobretudo. Mas era preciso antes de mais nada arredá-lo de Coimbra. Se o deixam lá estar... e formar-se... e advogar depois... e fazer versos, — então está perdido.

*

Alipio Dias Costa

COMPRA E VENDE

Papeis de credito

Inscrições,
Obrigações, Acções de Bancos
e Companhias.

—
Compra de Coupons.

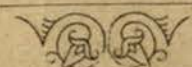
Averbamento de Titulos.

—
Divida externa Portugueza.

Cambios

Libras,
Francos, Pesetas, Cheques
e a 90 d./v.

—
Cotação do dia.



↓

“SMITH PREMIER,,

MACHINA DE ESCREVER

*

Esta machina, a melhor de todas pela sua durabilidade e perfeição de funcionamento tem sido magnificamente acolhida nas principaes casas de commercio d'esta cidade. Em menos d'um mez foram vendidas, só no Porto, mais de 50 machinas. Innumeros attestados garantem a superioridade da *Smith Premier* sobre a *Remington*, *Yost* e todas as outras marcas concorrentes.

GRAND PRIX 1900

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agencia no Porto

Rua do Mousinho da Silveira, 298 - 1.º

AGUILHADAS

Volumes de 16 a 32 paginas

EM PORTUGAL

Numero avulso, 50 reis
Serie de 12 n.^{os} (pag. adeant.) 500 reis

NO BRASIL

Numero avulso:
300 reis (moeda fraca)

DEPOSITO EM PORTUGAL :

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

— DE —

EDUARDO TAVARES MARTINS

8, Rua dos Clerigos, 10 — PORTO

LIVROS NOVOS

<i>Affonso Lopes-Vieira</i> — <i>Poesias Escolhidas</i> , Ed. Tavares Cardoso — 1 vol. de 154 pag.	500
<i>Joaquim de Lemos</i> — <i>Velhas Trovas</i> Ed. Figueirinhas — 1 vol. de 96 pag.	500
<i>Julio de Lemos</i> — <i>Campesinas</i> , contos. Ed. Tavares Cardoso — 1 vol. de 262 pag.	500
<i>Paulo Osorio</i> — <i>Historia d'um morto</i> , conto (2. ^a edição) — 1 vol. de 32 pag.	100

“O PORTO MEDICO,,

Esta revista, que se publica de 10 a 15 de cada mez, comprehende pelo menos 32 paginas em cada numero.

Preço da assignatura por um anno	2\$500
Numero avulso	300

Toda a correspondencia deve ser dirigida a *Pires de Lima*, editor e secretario da redacção, Praça da Batalha, 12 — PORTO.

Bibliotheca das traducções

Sahiu a *Actea* de Alexandre Dumas e a *Sultanetta* do mesmo auctor.

Preço de cada volume 100 reis.